

IJ00009

Ex.1

---

ATERRO, MANGUES E MAR:

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA

FJSN

---

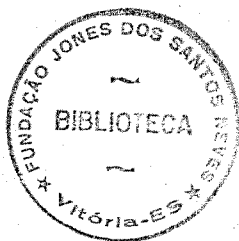
IJ00009  
1633/1978  
EX: 1

FUNDAÇÃO JONES DOS SANTOS NEVES

ATERRO, MANGUES E MAR:

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA

(TRABALHO PARA DISCUSSÃO INTERNA)



ROBERTO SIMÕES

574.526325  
7981 ou  
1633/78  
EX 1

A - APRESENTAÇÃO.

B - O PROBLEMA: UMA VISÃO HISTÓRICA.

C - O PROBLEMA: ALGUNS IMPÁCTOS JÁ SENTIDOS.

D - UMA PROPOSTA DE ESTUDO.

A - APRESENTAÇÃO.

Este breve relatório sobre os aterros realizados na Grande Vitória foi calcada nos livros de Maria Stella de Novaes (História do Estado do Espírito Santo) e Luiz Serafim Derenzi (Biografia de uma Ilha) auxiliada por algumas anotações feitas por técnicos da Fundação Jones dos Santos Neves. O desenvolvimento foi feito de maneira cronológica, incluindo também algumas obras e resoluções que poderiam ter induzido a ocupação de determinadas áreas através de aterros.

Os Municípios de Vila Velha e Cariacica apresentaram dificuldades em se obter informações acerca do tema, pois a bibliografia utilizada dava atenção especial a Ilha.

B - O PROBLEMA: UMA VISÃO HISTÓRICA.

O presente capítulo tem por objetivo auxiliar a imaginação no sentido de ter-se uma visão de como já foi a Ilha de Vitória e a importância que os aterros exerceram no processo de ocupação do sítio urbano.

X  
1537 - Doação da Ilha de Santo Antônio e Duarte Lemos, que era descrita assim:

" De topografia acidentada, a Ilha de Santo Antônio apresentava, porém, aspecto muito diverso do atual. Pouco adiante do Penedo, o mar entrava e formava uma angra, até as pedreiras, onde mais tarde foi construído o Forte de São Diogo (atual Escadaria São Diogo). Existia, ali, ainda, há pouco tempo, uma argola, na qual se prediam os botes. Desse ponto, abriram os colonos uma picada, na escarpa que terminava num mangue, - os Pelames (baixio alagadiço, formado pelas áreas da Rua Gama Rosa e Coutinho Mascarenhas) dos nossos avós. Com o tempo, alargou-se aquele caminho e atingiu-se os foros da Rua Piolho (atual Treze de Maio). De outro lado, ao Sudoeste, outro mangal ocupava a área do atual Parque Moscoso até a base das montanhas adjacentes. Tantos terrenos pantanosos, entre a opulência de uma vegetação surpreendente, conduziram o Donatário à dúvida de tratar-se de uma ilha ou lezíria, conforme se verifica na Carta de Doação a Duarte Lemos".

1716 - Construção do canal Rio Marinho, para que os navios que transportavam a produção da fazenda Araçatiba para o Porto dos Padres evitassem a passagem oceânica pela foz do Jucu.

OBS: Porto dos Padres - trecho compreendido entre a atual Av. República até General Osório, por onde se faziam as comunicações dos Padres Jesuítas. Para vencer o canal

hoje ocupado pela Av. República, havia uma ponte com altura bastante para passarem canoas com seus tripulantes agachados.

1766 - Neste tempo, o mar entrava até a base do rochedo da atual Escadaria São Diogo. Isto propiciava que, no ponto hoje ocupado pelo edifício de apartamentos "Antenor Guimarães", houvesse um armazém de importação e exportação.

1816 - Limpou-se o Rio Marinho e o aperfeiçoamento do Canal de Caçaroça, para comunicar aquele com o Rio Jucu.

1817 - Início do aterro de parte do Mangal de Campinho (atual Parque Moscoso) com o intuito de se fazer uma passagem para o centro da Vila. Era um caminho que recebeu com o tempo o nome de Rua da Caridade, depois Rua do Ocidente, pois opunha-se à Rua do Oriente, comunicação de Prainha com a Capixaba (atualmente Rua Barão de Itapemirim).

OBS: Rua Ocidente é a atual Rua Dr. João dos Santos Neves.

1818 - Saint Hilaire descrevia que a Rua da Praia (atual Rua Duque de Caxias) tinha este nome por os terrenos "iam até o mar", no ponto ocupado agora pela Praça 08 de Setembro.

1819 - O tortuoso caminho da lapa, que margeava o mangal e terminava na base do morro, lugar atualmente ocupado pelas Ruas Marcondes de Souza e Bernadino Monteiro, começava a povoar-se com pequenas construções.

Aterro do largo da Conceição (atual Praça Costa Pereira) e adjacências.

1881 - Corte do Mangal de Campinho. O aterro ia se processando com a terra desbastada do morro onde se localiza a Santa Casa de Misericórdia.

1888 - Contrato de trabalho visando completar o aterro do Campinho.

1894 - O Governo Municipal delimitou em trinta dias, o prazo no qual fossem destruídas as cercas de madeira e as privadas, nos quintais que davam para o mar, trecho ocupado agora, pelo aterro, até a Esplanada Capixaba.

1895 - Criação de Comissão de Melhoramentos da Capital, a fim de que a cidade se expandisse, pela formação de novos bairros. Foi projetado o "Novo Arrabalde", que se estenderia da Praia do Suã até a Ponte da Passagem, com o traçado de Ruas dedicadas aos Municípios do Estado do Espírito Santo.



1899 - Canalização das águas de Fonte Grande. Toda a área das Ruas Gama Rosa e Coutinho Mascarenhas eram um banhado baldio e, para alcançar a igreja do Carmo, devia-se atravessar uma ponte sobre águas nascentes e as que enxurravam dos Morros São Francisco e Matriz.

1900 - Corte de um trecho da Rua Cristóvão Colombo e aterro do Cais Batalha (atual Praça 08 de Setembro).

1905 - O Bonde influenciava a ocupação do Forte de São João.

1912 - Inauguração do Parque Moscoso.

1924 - Surgimento dos bairros da Bomba, Suã, Maruípe, Santa Maria, Santo Antônio, além da Praia Comprida, bairro planejado desde 1895.

1925 - Abriu-se a Avenida Capixaba.

Início dos aterros dos mangues que tinham do Forte São João' a Praia Comprida. Em Jucutuquara havia um braço de mar que ia até a confluência dos Rios Fradinho e Maruípe.

1928 - Início da Reta do Constantino (parte da Av. Vitória).

1930 - Logo após a Revolução começa-se a aterrar o Porto dos Padres.



1937 - Construção da Estrada do Contorno que parte de Barreiros e alcança o Bairro de Santo Antônio.

1951 - Foram construídos um entrocamento de 4.275m de extensão, desde as proximidades de Sua até o antigo porto de Vitória, para isolar os mangues e aterrã-los, com o desmonte dos morros e areia retirados pela drenagem do canal. Desse trabalho, resultaram a Esplanada Capixaba e o Bairro de Bento Ferreira.

1958 - O DNOS inicia no Município de Vila Velha a construção do canal da Costa (retificação). Nesta época, áreas como os atuais bairros de Santa Mônica, Santa Inês, Soteco e Glória, eram áreas rurais.

Excluindo os aterros da Condusa que serão abordados a seguir, foram executados nesta década (70) alguns, tais como:

- Aterro da UFES.
- Aterro do mangue em frente a Pedreira Rio Doce (em andamento).
- Aterro do Terreno do Copolilo as margens da Rodovia Carlos Lindemberg.
- Aterro do lixão em Goiabeiras.

ATERROS DA COMDUSA.

1) Praia do Suã. (ver planta anexa).

- Área já conquistada ao mar e urbanizado entre as ilhas do Papagaio, Sururu e Bode, e o litoral representado pela Praia do Canto.

Metragem: 1.300.000 m<sup>2</sup>.

Processo de Aterro: Aterro Hidráulico.

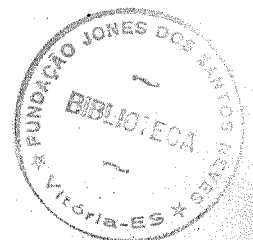
Ocupação da Área (Índices): 48,4% - Edificações.  
21,0% - Sistema Viário.  
18,0% - Áreas verdes e faixa de areia.

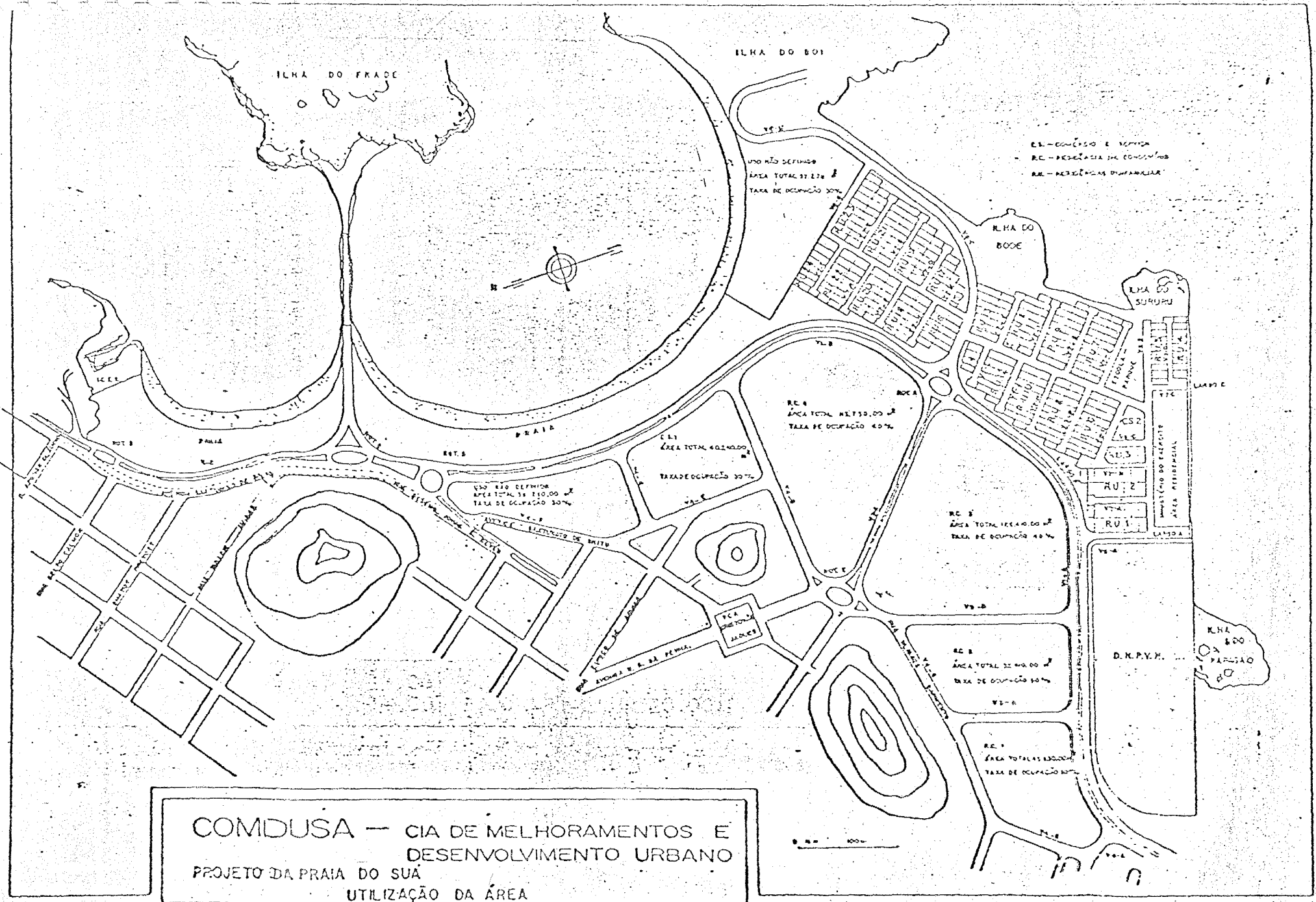
2) Ilha do Príncipe. (ver planta anexa).

- A área a ser conquistada apresenta uma metragem de 450.000m<sup>2</sup>, sendo que 250.000 serão conquistados do canal que forma o Porto de Vitória.

Processo: Aterro Hidráulico protegido por enrocamento de pedras.

Ocupação da Área (Índices): 39% - Área Edificada.  
27% - Acessos e Calçadas.  
8% - Outros Usos.  
26% - Interior das Quadras.



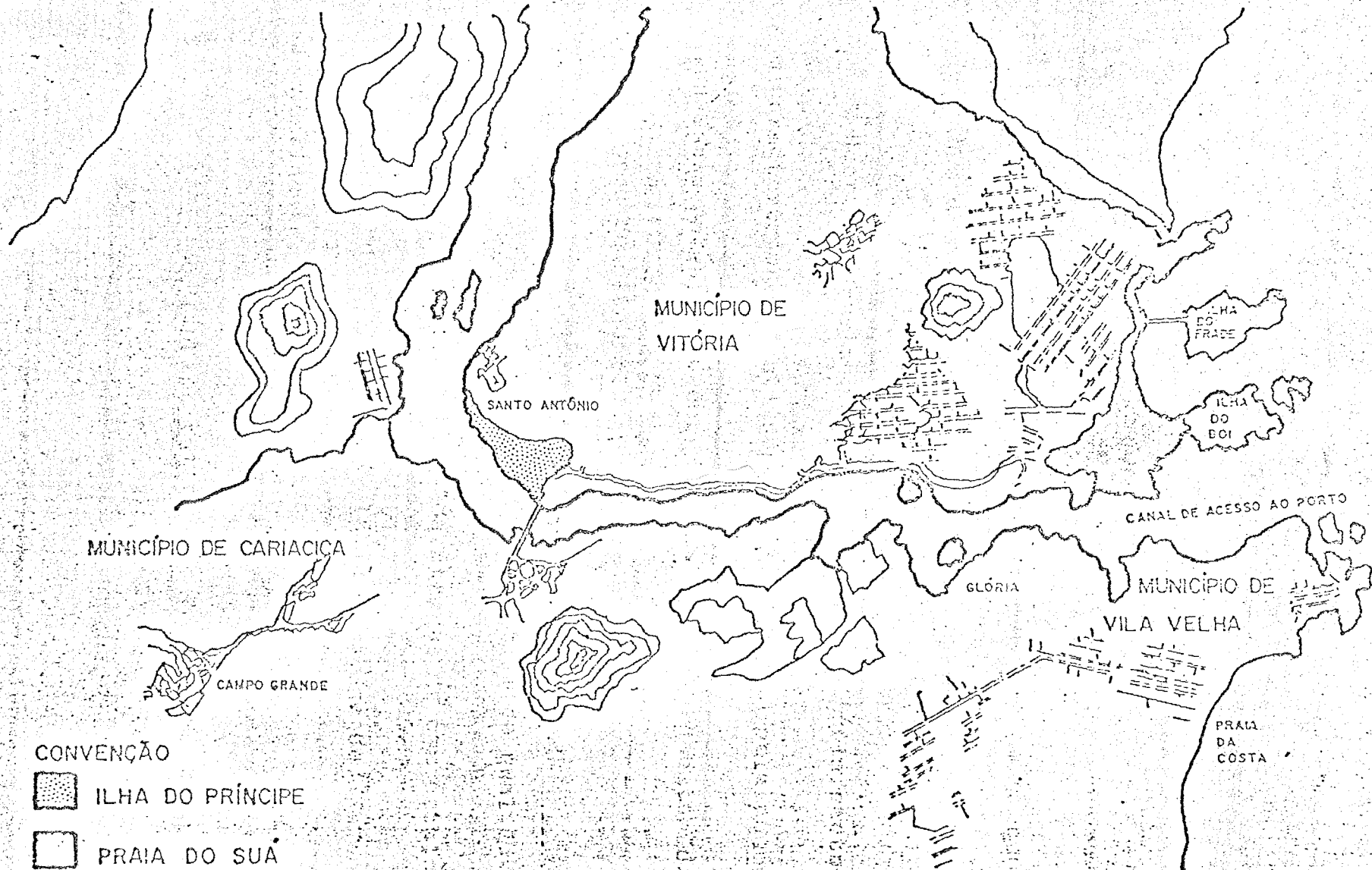


ES - CONCESSÃO E VENTAS  
 RC - RESERVA DE COMUMS  
 RM - RESERVA FAMILIAR

COMDUSA — CIA DE MELHORAMENTOS E DESENVOLVIMENTO URBANO  
 PROJETO DA PRAIA DO SUÁ  
 UTILIZAÇÃO DA ÁREA

PROJETO DA ILHA DO PRÍNCIPE

SITUAÇÃO EM VITÓRIA



C - O PROBLEMA: ALGUNS IMPACTOS JÁ SENTIDOS.

Apoiado no levantamento apresentado no capítulo anterior onde se procurou delinear uma visão histórica específica do problema de aterros e quando se tenta ter esta visão de uma forma mais abrangente, constata-se que já a partir do início do século XX alguns governos criaram as "Comissões de Melhoramentos da Capital". Entre as suas atribuições, pode-se citar a de estudar o problema de infra-estrutura que já passava a provocar problemas. Serafim Derenzi ao enaltecer os feitos de Jerônimo Monteiro no sentido de dar os primeiros passos mais arrojados para dotar a cidade de um sistema de infra-estrutura condizente, referia-se assim a Ilha: "A história demográfica da cidade está marcada, através, dos séculos, por infortúnios dolorosos. Suas condições sanitárias não ofereciam resistência aos surtos das moléstias imigratórias e transmissíveis ...<sup>(1)</sup> Este problema de infra-estrutura urbana vêm tendo soluções paliativas, sendo necessários então que se tome um posicionamento de atacar o problema de uma forma séria e objetiva. Apesar desta deficiência se apresentar de maneira generalizada nas cidades brasileiras, a área em estudo (Vitória, Vila Velha, Cariacica, Serra) é acrescida dos problemas decorrentes do estudo de alternativas para tais problemas e o custo de sua execução, visto que elas se situam aproximadamente ao nível do mar.

---

(1) LUIZ SERAFIM DERENZI

Atualmente, uma série de "novas" áreas e dentre elas, Contorno, Rio Santa Maria se descortinam como tentadoras a uma ocupação através de aterros. Entretanto, as condições naturais do sítio e a necessidade de preservar o meio-ambiente nos levam a indagar sobre a validade de tal processo. Ao tentarmos analisar esta tendência vem à tona algumas perguntas, tais como:

- Quais as alterações provocadas no eco-sistema e as suas implicações?
- Como estabelecer modelos de assentamento para tais áreas tendo em vista a implantação de infra-estrutura, e principalmente esgotos sanitários?

O problema não se localiza só sobre este prisma. Tomando por ' base que a maioria dos aterros na Ilha, notadamente os atuais, consistiram em se conquistar áreas ao mar, algumas implicações a olho nú nos parecem acarretar ônus, como por exemplo, para as atividades portuárias. Constata-se que periodicamente dragas passam a incorporar a paisagem da Baía de Vitória com a finalidade de efetuar a limpeza do canal de acesso ao Porto, mais frequentemente. Seria influência dos aterros? Para onde estaria sendo levada a areia retirada? e mais ainda, qual a influência do Aterro da Ilha do Príncipe que consistiu em conquistar 250.000 m<sup>2</sup> do canal que forma o Porto de Vitória?.

Alguns deles já foram amplamente divulgados, e dentre eles os recalques excessivos apresentados pela Av. Beira Mar, assim como o desmoronamento do muro de contenção executado na Praia de Camburi. Apesar de algumas opiniões se referirem a este problema como sendo de uma escolha de um processo de contenção inadequado ao local, ele não estaria sendo ampliado por possíveis alterações de correntes marítimas provocadas pela construção do Porto de Tubarão e Aterro da Praia do Suá?

Agora mesmo, a Fundação Jones dos Santos Neves na incumbência de projetar a localização do Terminal Aquaviário se depara com problemas ao definir o que está acontecendo e ainda o que poderá acontecer na "Prainha" de Vila Velha, visto a formação de bancos de areia pelo carreamento do referido material.

- O que estaria provocando tal fenômeno?
- Haveria novas formações de bancos, caso fossem eliminados os atuais?

O objetivo com esta pequena visão foi focar o problema dos aterros sobre dois prismas, visto que eles assinam papel de destaque na "ampliação" da aglomeração urbana. O primeiro se refere às áreas obtidas pelos aterros de áreas alagadiças, mangues (assuem papel importante em Vila Velha) e o segundo se refere as áreas conquistadas ao mar. Isto nos auxiliará na posterior definição das prioridades para o estudo do problema. Entretanto, apesar do enfoque estar dividido em duas grandes áreas de estudo, não deixa de haver um interrelacionamento, podendo-se situar o problema de forma global, para que o posterior detalhamento se faça neste pressuposto.

x

D - UMA PROPOSTA DE ESTUDO.

Como vimos no item precedente, alguns impactos passam a ser percebidos a olho nú. Uma série de perguntas poderiam ser respondidas a luz de um estudo e alguns "palpites" sobre o tema, calcados com bases mais consistentes. Nota-se ainda que é um problema que além de incidir sobre a população, no caso de áreas conquistadas ao mar, várias entidades são afetadas: Poder Público Municipal, Porto de Vitória, COMDUSA. Surge então a necessidade de um estudo delas no sentido de que possa avaliar o impacto que poderá estar por vir e a posterior definição de diretrizes, de modo que ele não venha sendo deixado ao caso dos acontecimentos.

A Baía de Vitória é sem sombra de dúvidas, um dos recursos naturais mais expressivos que a natureza nos brindou, e que não merece ser utilizada inadvertidamente. Caso prossigamos o processo utilizado até agora desgastaremos as suas potencialidades turísticas e ainda comprometeremos a sua peculiaridade em apresentar opções de utilização para transporte aquaviário.

Apesar da necessidade de um maior aprofundamento na questão, um dos estudos seria a das correntes marítimas, não só pelos problemas já citados, mas também pela possível utilização para lançamento de esgotos sanitários tratados, complementado pelas implicações no sistema ecológico, caso haja tal destinação.



Levando a questão para o problema dos mangues, qual a postura a adotar: Preservação total, ou quais delas poderiam ser aterrados? Se fossem aterrados, quais os critérios e baseados em que estudos poderiam se justificar um modelo de assentamento.

Esta proposta da necessidade de um estudo tem por objetivo primordial caracterizar condicionantes a propostas de estruturação urbana da área a ser estudada e que obviamente deverá merecer detalhamento após discussão do que deverá ser estudado.

